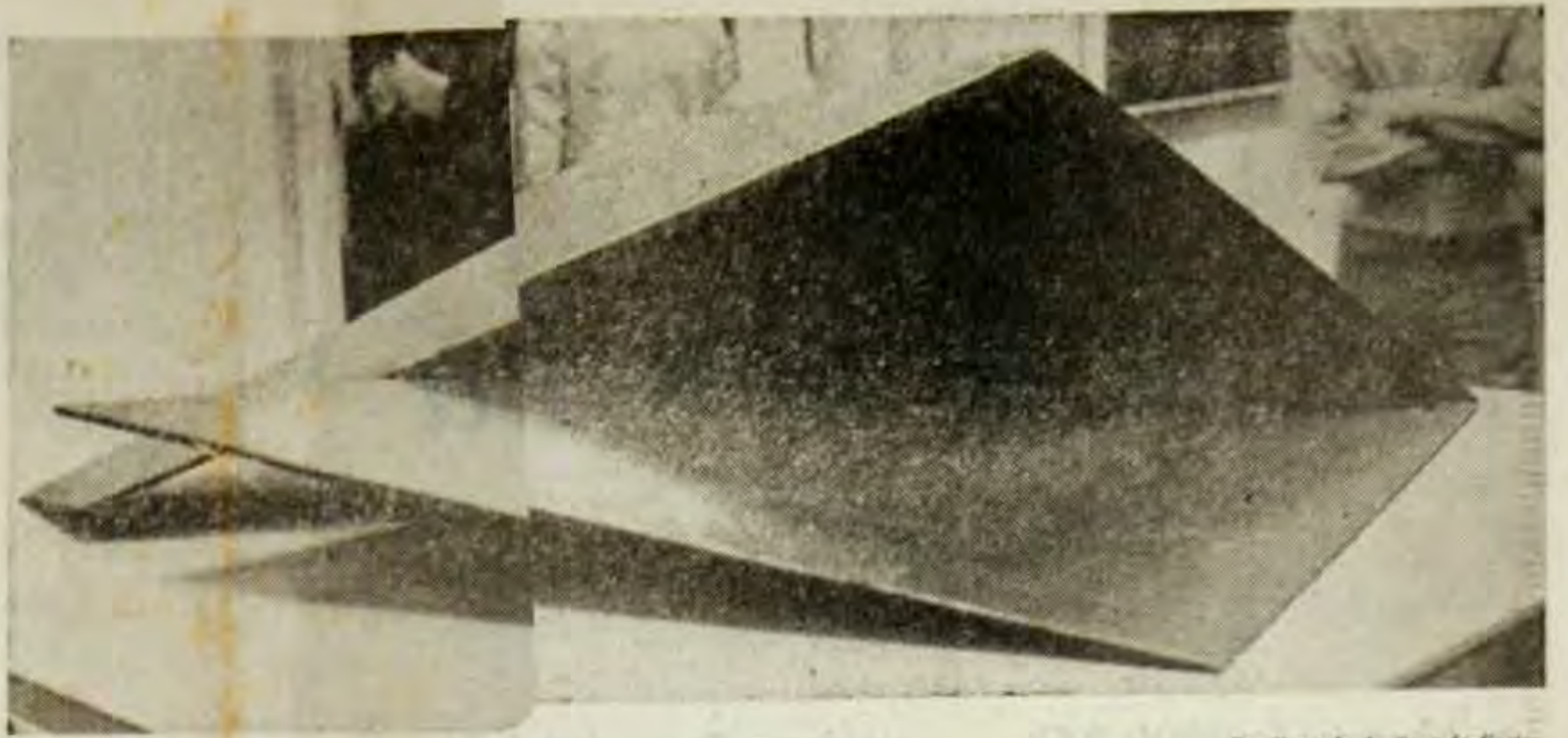


# IX Salão Moderno: escultura e gravura

Ferreira Gullar



Escultura de Amílcar de Castro



João, Maria e o Pavão Real, xilogravura de Samico

Não são muitas as esculturas apresentadas neste Salão e, apesar disso — ou por isso mesmo, constituem o que há de melhor nele. Noutras palavras: o nível alcançado pelas boas esculturas do Salão é bem mais alto que o da pintura de modo geral. E não só em alguns dos escultores ali representados descobrimos uma força de criação e invenção bem mais rara entre os pintores. Dos dez escultores que ali expõem pelo menos três revelam aquelas qualidades, e de modo diferente e pessoal: Amílcar de Castro, Edgar Duvivier e Fernando Jacson Ribeiro.

Amílcar de Castro integra o grupo de artistas neoconcretos e, como tal, realiza uma experiência que tem sua origem na estética concretista, que ele aprofunda. Daquela etapa de indagações e estudos, Amílcar reteve algumas características gerais e positivas: a vontade de despojamento, de estruturas definidas, de expressão direta. Rejeitou, por outro lado, a noção por assim dizer quantitativa da forma, que se traduz na construção seriada, na composição de elementos adicionados uns aos outros. E se a rejeição foi por que esse modo analítico de encarar a estrutura conduz a uma linguagem contraditoriamente intelectualista e óptica: dada a maneira exterior como a forma é concebida tem o artista de recorrer a efeitos visuais para lhe emprestar dinâmica. Amílcar desce a uma concepção interior da forma, desde quase a um vazio anterior à forma para surpreendê-la em seu nascedouro e captá-la ao nascer. E essa busca de estruturas primeiras, nascentes, vivas, está evidente nas três obras suas expostas no Salão. Consegue ele, com elementos aparentemente simples — uma chapa retangular — revelar uma experiência dramática da forma, esse conflito da forma que quer nascer e estabelecer-se na comodidade de nosso perceber e da força que ao mesmo que a solicita a contraria, do gesto que provoca a explosão e a detém. As esculturas de Amílcar querem explodir, e a explosão está latente no movimento virtual da placa que quer se desdobrar e se encolher, da superfície que, com uma força viva se ergue do chão e se imobiliza na véspera de um novo movimento jamais precipitado. Suas formas são monumentais sem serem retóricas, são dramáticas sem se valerem de qualquer figuração convencional de drama. Vejo em Amílcar de Castro uma das mais autênticas e poderosas vocações de escultor já surgidas por aqui. São suas obras *esculturas*? Pode-se, por comodidade, admiti-lo mas, de fato, seus trabalhos — como de alguns artistas contemporâneos, daqui e do estrangeiro — penetram na categoria de não-objeto, isto é, das obras que rompem totalmente com o apoio da representação e se realizam diretamente no espaço real. Mas esse é um problema mais complicado.

Edgar Duvivier não atinge o nível em que se coloca Amílcar de Castro. Suas obras têm ainda um caráter experimental, muito embora revelem um artista vigoroso e inventivo. Constrói com elementos *ready-made* como parafusos, rodas dentadas e várias outras peças de máquinas, num procedimento que, à primeira vista, se poderia aproximar dos dadaístas. Mas o que caracteriza esse escultor é precisamente o sentido formal puro que ele empresta a esses elementos facilmente identificáveis como pertencentes a um outro contexto. Essas ruelas, essas rodas, esses parafusos são, para eles, formas abstratas da mesma maneira que um quadrado ou um círculo. E é para acentuar e aproveitar o sentido dinâmico visual dessas formas que ele as organiza no espaço e as estrutura num todo coerente e expressivo. Não obstante, por usar elementos prontos, Duvivier submete-se a certa limitação, devido à inevitável distância a que se coloca da obra, organizando-a um tanto de fora. Mas ele parece ter tudo para ir adiante.

Um tanto próximo de Duvivier está Fernando Jacson Ribeiro, que também trabalha com elementos *readymade*, mais imprimindo-lhe sentido diverso. A posição de Fernando é menos objetiva, menos formal que a de Duvivier. Seu interesse vai para a expressão fisiognômica que descobre nos restos de objetos usados: pedaço de fogareiro de ferro, arco de prensa etc. De posse de elementos, que lhe sugerem os braços humanos, compõe suas figuras cheias de humor e significados. E esses significados advêm das relações que automaticamente estabelecemos entre a figura criada e certos ídolos primitivos, ao mesmo tempo que, reconhecendo ali restos de objetos conhecidos, somos levados a um novo choque entre a significação mágica já aprendida e o sentido cotidianíssimo, doméstico, daqueles objetos. Fernando é um artista original, que nos fala de ambíguas dimensões da experiência.

Os outros escultores são menos significativos. Aragão nos mostra uma escultura de grande simplicidade — uma haste com uma placa no alto — mas encontro mais interesse nas duas placas de gesso que ele expõe na seção de pintura. Interessante o *Pequeno círculo suspenso*, de Jean Boghici, onde a fantasia do artista se exprime com economia e simplicidade. Leda Pitzalis, que já o ano passado mostrava três peças de qualidade, apresenta-se com uma escultura vertical, de elementos justapostos, em que parece encontrar um caminho pessoal. Sérgio Camargo não está à altura de seus trabalhos anteriores: as suas formas falta vitalidade, tendem perigosamente ao decorativo.

A gravura exposta neste Salão revela-nos que nossos gravadores cansaram-se — ou começam a cansar-se — das exposições de alquimia e efeitos téc-

é um exemplo de honestidade na procura de sua expressão própria. Com paciência vem ela vencendo passo a passo orientada para um sentido poético e misterioso. Fala-nos de um mundo de sombras, de *formas*, indeterminado na fluidez de suas linhas e manchas. Aqui e ali, parece-nos ver a impropriedade de certos elementos que são totalmente absorvidos no conjunto. Mas Ana caminha, e isso é o importante. Outro gravador que evolui é De Lamônica, buscando agora formas mais densas que se opõem ou se rasgam; mas, em contraposição às formas grandes e densas, os traços que as ligam não parecem manar de um mesmo movimento expressivo: são soluções posteriores, superpostas. Importante revelação de gravador, deste Salão, é Gilvan Samico, que apresenta três trabalhos de ótima qualidade, particularmente o que se intitula *João, Maria e o Pavão Real*. Trai ele visível influência do mestre Goeldi mas essa influência não lhe sufoca as qualidades pessoais de imaginação e senso formal.

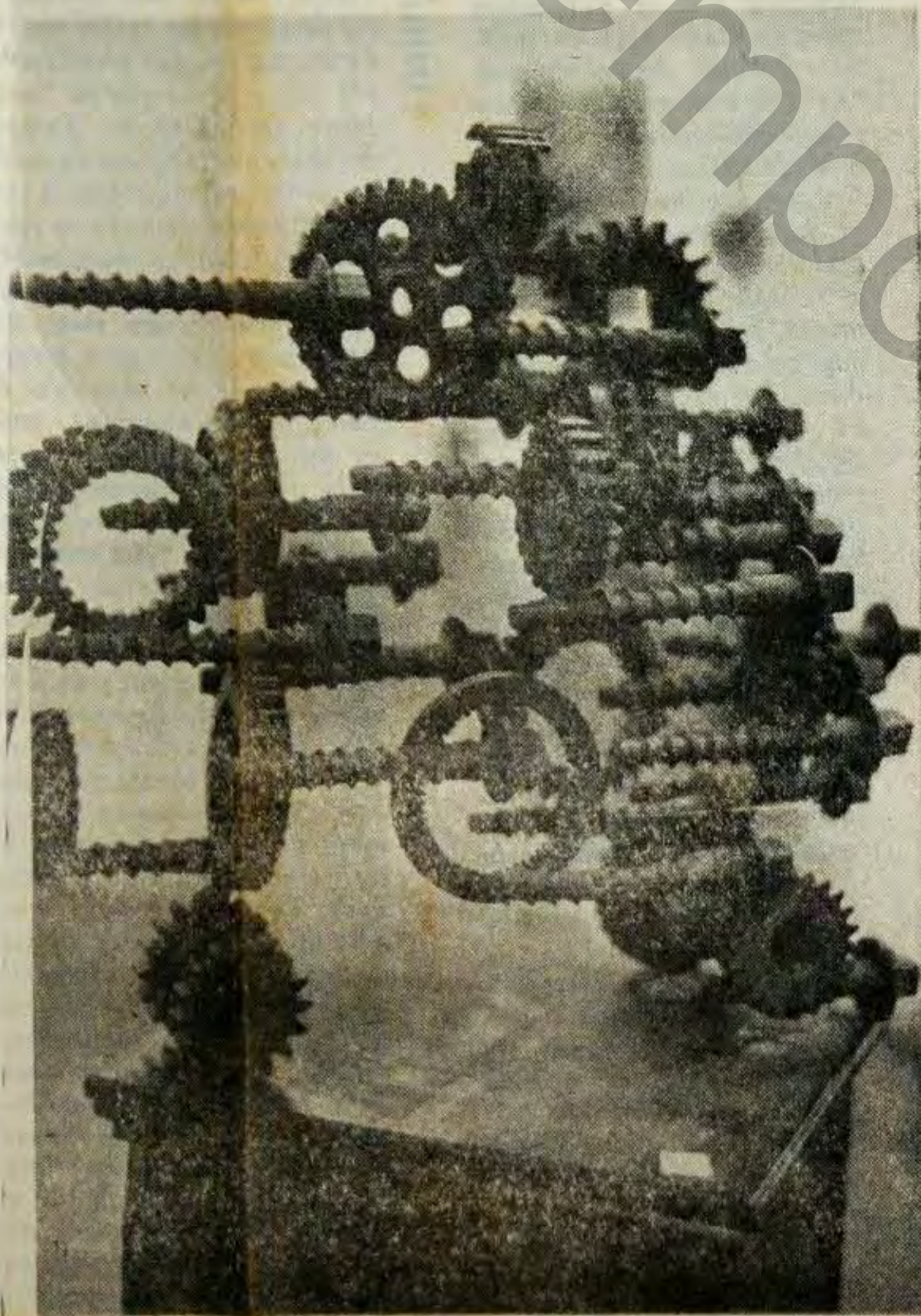
Dois nomes consagrados da gravura brasileira estão presentes: Iberê Camargo e Fayga Ostrower. O primeiro abandonou a figuração e penetra um mundo de formas abstratas, ricas de matéria e sugestões, onde sua qualidade técnica se confirma. Dos três trabalhos de Fayga, dois se inserem na sua linguagem característica, de manchas coloridas e luminosas, mas o terceiro indica uma volta a preocupações formais definidas. Maria Bonomi apresenta duas gravuras de grande tamanho, que conseguem certo impacto mas a que falta maior significação interior. Doroty Bastos demonstra influência de Lívio Abramo, seu mestre, e seus trabalhos têm certo sentido retórico que os prejudica. Edith Behring amplia o interesse de suas gravuras dando-lhe um desenho mais claro em que as tensões de linha e espaço se pronunciam. Isabel Pons também denota evolução, descobrindo formas semifigurativas interessantes, mas ainda sem resolver certos detalhes, juntando elementos que

não se harmonizam entre si. Haveria outros nomes a citar e comentar como José Lima, Margrita Mortarotti, Lygia Pape, Dulce Magno, Farnese, mas passemos aos desenhistas.

Arnaldo Pedroso D'Horta ganhou o prêmio de viagem ao estrangeiro deste Salão. É uma premiação discutível mas não inteiramente fora de propósito. É fato que Arnaldo tem atravessado uma fase pouco feliz, de crise mesmo, e dois dos trabalhos que expõe no Salão dão testemunho disso. Mas um deles, sobre madeira — e exatamente o que mereceu o prêmio — nos traz de volta o Arnaldo de alguns anos atrás, premiado nas Bienais de S. Paulo e Veneza. Nesse trabalho seu desenho é delicado, imaginativo e — o que mais importante — preenche de uma significação estranha, arcaica, que é o melhor de sua arte.

Outro bom desenhista é Babinsky, que expõe três trabalhos: um deles (n.º 271), pela coerência das formas e dos traços, pela disposição das formas, alcança ótimo nível. Italo Cenciari afirma sua linha livre e inventiva no único trabalho que o representa neste certame. Darel, de volta da Europa, apresenta um desenho vigoroso e dramático. Nolasco, súbitamente abstrato ou informal, não convence. Charoux marca passo, embaraçado em problemas ópticos. Hércules Barsotti deu um pulo, mas já não faz desenho: compõe com folhas de papel branco e preto, no caminho desbravado por Lygia Clark, e realiza três trabalhos de ótima qualidade. E há outros, dos quais não nos animamos a falar agora.

Mas não queremos encerrar essa apreciação do IX Salão Moderno sem aludir a três nomes que nos escaparam quando falamos dos pintores. Jacinto de Moraes (que vem evoluindo de ano para ano, numa pesquisa serena que se aprofunda), Olimpio Araújo (que apresenta dois quadros de estranha sugestão, de tratamento sóbrio e pessoal) e Ivan Moraes, pintor primitivo de muita qualidade, de que destacamos o quadro de número 91.



Construção, de Edgar Duvivier

sdjb

suplemento dominical  
do jornal do Brasil, Rio de Janeiro,  
sábado 27 e domingo 28 de agosto de 1960